

Elites e Indústria no Alentejo

(1890-1960)

Paulo Eduardo Guimarães



Edições Colibri



CIDEHUS

Paulo Eduardo Guimarães

Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960)

Um estudo sobre o comportamento económico
de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo

Edições Colibri

•
CIDEHUS / UE – Centro Interdisciplinar de História,
Culturas e Sociedades da Universidade de Évora

Guimarães, Paulo, 1960-

Elites e indústria no Alentejo (1890-1960) : um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo. - (Biblioteca - estudos & colóquios ; 12)
ISBN 972-772-642-9

CDU 316
332
338
94

TÍTULO *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960): um estudo sobre o comportamento económico de grupos de elite em contexto regional no Portugal contemporâneo*

AUTOR Paulo Eduardo Guimarães

EDITOR Fernando Mão de Ferro

EDIÇÃO Edições Colibri e CIDEHUS-UE

PAGINAÇÃO Albertino Calamote

CAPA TVM Designers

DEP. LEGAL 242 298/06

ISBN13 978-972-772-642-4

Lisboa Julho 2006

APOIOS:

Delta Cafés

CUF

Fundação Eugénio de Almeida

Câmara Municipal de Aljustrel

Índice geral

Introdução	13
Problemas conceptuais e metodológicos. Fontes disponíveis	20
Capítulo 1. O comportamento estratégico das elites eborenses face à indústria (dos finais do século XIX aos princípios do século XX)...	33
1.1. Homogeneidade e diversidade no comportamento económico das elites eborenses	36
1.2. A indústria regional: o artesanato e a pequena oficina	45
1.3. Iniciativas estratégicas: o comércio e as novas indústrias	56
Capítulo 2. As associações capitalistas eborenses e o seu papel: actores, áreas de negócio e ritmos de formação (1889-1960)	67
2.1. O registo comercial e o seu significado. Tipos de sociedades registadas	68
2.2. O registo de falências. Esboço de periodização do movimento de associação de capitais.	79
2.3. As formas jurídicas das sociedades e o seu significado.	84
2.4. As áreas de investimento e os seus actores	93
Capítulo 3. Tradição e modernidade na indústria alentejana (1922-1950): a grande indústria.	117
3.1. Imagens do Alentejo: de deserto industrial à industrialização necessária.....	119
3.2. O parque industrial alentejano (1922-1950): caracterização geral	134
3.3. A grande indústria – as grandes empresas	151
3.4. Elementos de configuração do tecido industrial no Alentejo (1922-1950)	196
Capítulo 4. Tradição e modernidade na indústria alentejana (1922-1950): os estabelecimentos de pequena e de média dimensão	201
4.1. As indústrias dos produtos florestais: o carvão e a cortiça ...	208
4.2. As indústrias alimentares	221

4.2.1. A fileira do pão	222
4.2.2. O azeite: dos lagares às fábricas de extracção	238
4.2.3. A transformação da carne	250
4.2.4. Doces, chocolates e amêndoas	252
4.2.5. Outras indústrias da alimentação	254
4.3. As bebidas	255
4.4. As fibras têxteis e os seus fabricos	269
4.5. Os curtumes e as indústrias associadas	271
4.6. As indústrias do vestuário e do calçado	279
4.7. As indústrias da madeira e do mobiliário	285
4.8. As indústrias da construção	289
4.9. As indústrias cerâmicas	303
4.10. As indústrias dos metais	308
4.11. As indústrias dos transportes	317
4.12. As indústrias químicas	326
4.13. Outras actividades	326
4.14. Elementos de configuração dos pequenos estabelecimentos industriais na RHA.....	327
Capítulo 5. A indústria da produção e distribuição de electricidade	331
5.1. Os negócios da electricidade e a electricidade como sub-produto da grande indústria regional.....	333
5.2. A Hidroeléctrica Alto Alentejo.....	344
5.3. Oportunidades e limites da oferta energética	357
Capítulo 6. Os industriais e o seu recrutamento.....	359
6.1. Elites e industriais.....	360
6.2. A formação do patronato industrial e a participação de outros grupos de interesse na indústria: o caso de Évora.....	371
6.3. Percursos de empresários industriais no Alentejo entre as duas guerras.....	383
6.4. Condicionamento industrial e ascensão social na indústria – o caso dos irmãos Fialho (Évora).	388
6.5. Os industriais e a política.....	394

Capítulo 7. O crédito, a banca e a actividade seguradora no universo dos negócios regionais: alheamento dos interesses industriais?	401
7.1. As elites regionais e o problema do crédito industrial	401
7.2. O universo dos negócios regionais até aos anos '20: a terra e o dinheiro	409
7.3. Traços gerais da evolução da banca regional até à I Guerra Mundial	422
7.4. A banca regional e os negócios entre as duas guerras: euforia, crise e depressão	457
7.5. O Banco do Alentejo e a Empresa Transformadora de Lãs..	474
7.6. O crédito agrícola e a C. ^{ia} de Seguros "A Pátria"	479
7.7. Uma banca ao serviço dos seus accionistas.....	489
Conclusão: para a compreensão da acção das elites económicas no Alentejo contemporâneo	495
Fontes e referências bibliográficas	519
Arquivos. Fontes	519
Estatísticas. Inquéritos industriais. Relatórios	522
Estudos, obras de referência e outras fontes impressas	525
Índice de tabelas	553
Índice de figuras	559
Índice de Mapas	565
Índice de Onomástico (empresas e individualidades)	567
Extratexto de ilustrações	I-XVI

Este livro analisa o comportamento económico das elites face à actividade industrial no Alentejo entre os finais do século XIX e meados do século XX. Apesar de se afirmar, neste período, a vocação agrária desta região, diferentes actores foram responsáveis pelo seu desenvolvimento industrial, integrando a economia alentejana no espaço nacional e mundial. A par das empresas de média e de grande dimensão, orientadas para a exportação de matérias-primas ou de produtos semi-preparados para a indústria moderna, persiste uma multidão de oficinas que viviam ancoradas em bens de consumo regional. Na actividade mineira, na exploração de pedreiras, na indústria corticeira, moageira ou têxtil participaram grupos com diferentes interesses e ligações ao Alentejo, entre os quais as próprias elites agrárias e comerciais aqui radicadas. O seu papel no desenvolvimento da actividade bancária e seguradora é realçado, bem como o comportamento destas instituições. A grande exploração agrícola do sul, extensiva e latifundiária, quer pelas matérias-primas que fornecia às indústrias, quer pelos seus consumos, estruturou esse tecido e definiu os limites do crescimento industrial. No século XX criaram-se novas oportunidades de negócio e, durante o Estado Novo, novos actores aparecem. Os industriais afirmam-se então como um grupo social distinto.

Paulo Eduardo Guimarães (Lisboa, 1960) é Professor Auxiliar no Departamento de História da Universidade de Évora e tem desenvolvido estudos de história social e de história industrial nos séculos XIX e XX.

ISBN 972-772-642-9



9 789727 726424



Legado de Almeida
FUNDAÇÃO
EUGÉNIO
D'ALMEIDA